



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA

APONTAMENTOS SOBRE A ANGÚSTIA EM LACAN¹

Elza Macedo

Instituto da Psicanálise Lacaniana – IPLA

São Paulo, 2008

A angústia é um afeto

Lacan (2005) dedica o Seminário de 1962-1963 à angústia. Toma a experiência analítica como referência essencial. Sua consideração não é com a compilação da diferença entre *Angst* e *anxiety*; ele não se detém na história e natureza das palavras, não entra no debate filológico. Os conceitos em psicanálise só servem em relação a uma prática. Lacan não faz uma teoria geral dos afetos para chegar à angústia. Em sua investigação sobre a angústia, ele procura localizar pontos privilegiados em que ela emerge, com seus relevos, elaborando uma verdadeira orografia da angústia. “A angústia é um afeto” (p. 28). Apresenta a angústia como algo certo: “A angústia não é a dúvida, a angústia é a causa da dúvida” (p. 88). Distingue-se do sentimento por não mentir, enquanto que quem *sente, mente* (*senti ment*). “A angústia é isto que não engana” (p. 88). Ela tem um valor de verdade. Esta afirmação decorre de uma tradição existencialista. Kierkegaard e Heidegger localizam a angústia como a experiência do nada, própria do humano numa relação com o nada; não está ligada a nenhum objeto específico, no que, para esses autores, a angústia se diferencia do medo e do desejo. Consideram-na como a experiência de uma negatividade originária. Assim, vai além da experiência. Lacan retoma a obra de Kierkegaard – *O conceito de angústia*, em que essa experiência precede a do pecado. Portanto, podendo ser fundante da culpabilidade. E coloca a angústia como experiência de liberdade, já que não é determinada empiricamente. É o que Lacan vem dizer como experiência de ex-sistência, fora de sua experiência animal. Kierkegaard fornece uma fenomenologia da angústia, comparando-a à vertigem, vertigem da liberdade. E a angústia passa a ser considerada como a falta-a-ser do sujeito. É a angústia que coloca o homem como um ser fora do mundo. Da angústia de liberdade se introduz a culpa, a culpa do pecado original. Esse autor faz uma reflexão sobre o tipo de causalidade em jogo no pecado original. Lacan considera, tal como

¹ Este trabalho se baseia nas discussões realizadas *Sobre a angústia*, no Módulo de Pesquisa 2, Projeto Análise, coordenado por Jorge Forbes, 2004/2005. Sua motivação atual foi desencadeada pela conferência de Valentim Gentil Filho, Professor Titular, Chefe de Departamento no Ipq-HC-FMUSP, no IPLA, no dia 27 de outubro de 2008.

Kierkegaard, que este pecado é, de início, feminino e que a mulher é mais angustiada do que o homem. Talvez por ser insatisfeita, já que a angústia provém da relação com o desejo do Outro. Desejo enquanto desejo de desejo (Lacan, 2005, p.360). Lacan parte da lei e a substitui pela causa.

Para Freud, em 1907, lembra François Leguil (2001) “tudo que é neurótico é um equivalente da angústia, pois todos os sintomas provêm da libido e a libido pode se transformar em angústia”. “Em 1916, continua Leguil, ele diz que angústia e neurose são a mesma coisa. Mas se debruça no fato de que há neuroses sem angústia. Para ele a angústia não vem do medo, mas é o medo que vem da angústia.”

A angústia não é passível de descrição, o que se pode é narrá-la, uma a uma, pois ela não se desprende do particular. Freud diz da psicose, em que a angústia, por não poder ser cercada, é interpretada pelo psicótico como proveniente da má intenção do Outro gozador.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926) coloca a inibição na dimensão do movimento, paralização do movimento, mas se restringe à locomoção. Lacan prefere a palavra *impedimento* e considera que estar impedido é um sintoma, ser inibido é um sintoma. O impedimento não é do movimento, mas do sujeito, o que nos aproxima da angústia. Lacan coloca impedimento na mesma coluna do sintoma. E introduz um terceiro termo, *embaraço*, que diz do sujeito revestido da barra. Embaraço é o máximo da dificuldade. No sentido do movimento, Lacan coloca inibição, emoção e efusão. O que é angústia? Não é uma emoção, é um afeto. O afeto não é recalcado. Os significantes que o amarram é que são recalcados. Lacan se pergunta quanto a como falar da angústia quando nela são juntadas experiências muito diversificadas.

Desejo do Outro

Che vuoi? A angústia coloca um enigma: O que o Outro quer de mim? “Introduzi a angústia como a manifestação do desejo do Outro.” O desejo do Outro é sinal, o sujeito é avisado de alguma coisa que o questiona – na raiz, na causa de seu desejo e não quanto ao objeto –, que o anula “para que o Outro se encontre aí. Isso é que é a angústia.” É uma dimensão temporal de antecedência. (Lacan, 2005, p. 169) Evocando a música de Chico, *Pedacinho de mim*, Forbes (2004-2005) diz que a angústia não tem a ver com a castração, mas com os pedaços de mim que vou continuar te dando para um dia você dizer que também me ama. Que objeto *a* eu sou para o Outro me desejar? É a angústia como falta no Outro (A barrado). É a tentativa de reparar o Outro. Lacan diz que o desejo intervém no amor, mas não diz respeito ao objeto amado. Inserindo a pergunta quanto ao desejo do analista, Lacan diz que é preciso partir da experiência do amor.

A articulação que Lacan faz sobre o desejo é diferente da de Hegel. “Em Hegel, o Outro é aquele que me vê. ... “Esse Outro (A), antes de saber o que quer dizer minha relação com seu desejo quando estou angustiado... O desejo do homem é o desejo do Outro.” Lacan rompe com Hegel à medida em que este autor coloca o desejo como desejo de reconhecimento pelo Outro. Em Hegel “lido com o Outro da maneira mais segura e mais articulada como consciência. O Outro é aquele que me vê. ... é nesse plano que meu desejo está implicado. Para Lacan, porque Lacan é analista, o Outro existe como inconsciência constituída como tal. O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe.” Não é através de um objeto qualquer que se tem acesso ao desejo e à sustentação do desejo, a não ser atando-o ao sujeito barrado. Daí a dependência do sujeito em relação ao Outro. Trata-se do Outro como lugar do significante e do Outro da diferença singular. (Lacan, 2005, p. 33)

No Seminário X *A Angústia*, Lacan desenvolve uma práxis baseada no desejo (erotologia que se contrapõe à psicologia) e no afeto - angústia.

A angústia não é sem objeto. Se em Freud (1926) – *Inibição, sintoma e angústia* – a angústia se dava pela falta do objeto, em Lacan se dá pela presença do objeto, o objeto *a*, reserva de gozo e causa do desejo, que tenho de suportar. Não se trata do objeto visado, mas do objeto causa do desejo. *Isso não falta*. (Lacan, 2005, p. 64)

O acesso à angústia, Lacan o situa entre três temas: o gozo do Outro; a demanda do Outro; e desejo do analista.

A incidência do real no simbólico é a angústia, o que não engana. Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado. Só existe amor por um nome ... O que faz de uma psicanálise uma aventura singular é a busca do *agalma* no campo do Outro. (Lacan, 2005, p. 366) É o que é levar uma análise às últimas consequências, ultrapassar o ponto de angústia e poder nomear o estranho. O analista só opera na condição de ter que responder ele mesmo à estrutura do estranho.

Unheimlich - Estranho

“O artigo de Freud *Unheimlichkeit*... é o eixo indispensável para abordar a questão da angústia.” (Lacan, 2005, p. 51) *Unheimlichkeit* aparece no lugar da falta. Tudo começa com a castração imaginária. Como não existe imagem da falta, quando aparece algo ali é porque a falta falta. Não são necessariamente as anomalias que nos angustiam. Se faltar a norma – o que constitui tanto a anomalia como a falta – e esta, então, não faltar, é aí que começa a angústia.

Sobre esta matriz da angústia, diz Forbes (2004-2005), o analista vai incomodar, dar ao analisante a experiência do estranho. Aparece a angústia como perda da identidade; você se vê como aquilo que teme ser. *Unheimlich* ocupa a função da causa como inconceitualizável. O objeto estranho, no real, está ligado ao gozo.

Psicanálise e psiquiatria

Não fazemos epistemologia da psicanálise. O sujeito da psicanálise é inclassificável e está além dos cálculos científicos. O chiste, a dúvida, os ciúmes, o medo e a angústia não são questão da ciência. O clínico se pergunta sobre o real e busca localizar o sintoma entre a inibição e a angústia. Leguil (2001), na aula que deu no Seminário de Jacques-Alain Miller faz uma crítica aos DSM III e DSM IV, que eliminam a angústia, diluindo-a na ansiedade, e que eliminam a subjetividade do clínico nos diagnósticos, que acaba se restringindo às normas.

Em contraponto à posição tradicional da psiquiatria, que concebe a angústia como um transtorno ou um disfuncionamento e que, portanto, se propõe como tarefa desangustiar, a psicanálise vê nela um importante indicador da proximidade do sujeito com a causa de seu desejo (o famoso objeto *a*) e via de acesso ao mais singular do sujeito. Nesse mesmo seminário, Leguil afirma que “O único remédio contra a angústia é o desejo, pois só o desejo, na medida em que ele introduz a falta, pode acalmar as relações do sujeito com o surgimento do objeto” (p. 169). A psicanálise não exclui, mas encampa a angústia. Ela possibilita o circuito da palavra com o corpo. Palavra que não passa pelo sentido, mas que ressoa, toca o corpo. Lacan considera a angústia como signo do desejo e índice do real - não é considerada uma emoção, mas, como mencionado, um afeto que não engana. Envolve a dimensão ética, já que envolve o sujeito com seu gozo. Trata-se da clínica do caso a caso.

Corpo

“Angústia é um afeto.” (Lacan, 2005, p. 28) O corpo é afetado. O interessante é que tem manifestação biológica, mas a causa dessa afetação do corpo não tem uma realidade palpável, mas ligada a representações do sujeito. “A angústia é a verdade da sexualidade.” (p. 311) Aparece cada vez que seu fluxo se retira e mostra a castração. A castração é o preço desta estrutura.

O ponto de angústia é o ponto orientador que vem substituir o falo. Ao incluir o corpo e o gozo, Lacan inventa o *parlêtre*, que vem substituir o sujeito do inconsciente e está preparando a segunda clínica.

Motor da análise

A angústia lacaniana é uma angústia produtora – produz o objeto-causa. (Miller, 2007, p. 92) É o motor da análise e cabe ao analista manejar sua rotação. “O analista é um radar de angústia”, diz Forbes (2004-2005). Com efeito, Lacan a toma como termômetro a ser utilizado pelos psicanalistas: “Sentir o que o sujeito pode suportar de angústia os põe à prova a todo instante.” (Lacan, 2005, p. 13) Seu propósito é a justa maneira de trabalhar a angústia para que ela não se acomode, “...a este real como tal, é de não se ligar a nada. Pelo menos é assim que eu concebo o real” (p. 123). Sem lei, desconectado, arriscado. Lacan mostra em ato a clínica como real enquanto o impossível de suportar. O sintoma é real.

Ética

O Seminário X propõe um tratamento ético à angústia e não de saúde mental. Refere-se ao tratar o objeto específico, o objeto causa de desejo. A proposta de Lacan rompe com a idéia de analisar a angústia segundo fases do desenvolvimento, em uma progressão até a maturidade. Ele valoriza a responsabilidade, rompe com a idéia de cura e de moral e põe ética.

“Dizerem que negligencio o afeto, como podem sustentar isso sem se lembrarem de que por um ano, o último de minha temporada no Sainte-Anne, tratei da angústia? (...) Nesse ano afetei tão bem o meu pessoal por fundar a angústia no objeto *a* que ela concerne – longe de ser desprovida dele (aí ficam os psicólogos, que não puderam dar outra contribuição senão distingui-la do medo...) –, por fundá-la, dizia eu, nesse abjeto, como agora prefiro designar meu objeto (*a*), que um dos meus sentiu a vertigem (vertigem reprimida) de, tal como a esse objeto, deixar-me de lado.” (Lacan [1973], “Televisão”, *Outros escritos*, 2003, p. 524-5)

A angústia, hoje

Miller (2001, p. 169) coloca a questão: a angústia continuará como uma experiência no homem do Século XXI ou vai desaparecer? Isto é, haverá uma ruptura na situação da angústia em relação ao que foi no século passado?

Para Miller, a causa da angústia encontra-se no simbólico. Ele é também o método para nos reencontrarmos com ele mesmo (o simbólico) e o mundo. Quando não podemos nos reencontrar no simbólico e no mundo, surge a angústia.

Lacan no final de sua obra coloca a angústia no simbólico, produzindo-se como real no simbólico. Na dimensão do simbólico, ela é um afeto do impossível.

Miller considera que vivemos o reino dos semblantes, um relativismo que estabelece a inexistência do Outro e o progresso da ciência e da tecnologia produziram sim uma ruptura. Temos de nos reorientar em relação ao real. O Seminário X, de Lacan, mantém sua atualidade em relação ao desbussolamento do homem contemporâneo. Viver no mundo globalizado é saber viver com a angústia. Passa-se a uma clínica além da castração, uma clínica voltada a suportar a qualidade, o melhor de mim, que não pode se inscrever na civilização, já que esta pasteuriza. Uma clínica sem necessidade da compreensão (Forbes, 2005a). Ao não revestir a perda e promover a invenção, a psicanálise é constitutiva de uma ética para nosso tempo.

Referências Bibliográficas

FORBES, J. *Sobre a angústia*. Módulo de Pesquisa, Projeto Análise, 2004-2005.

FORBES, J. “A psicanálise do homem desbussolado – as reações ao futuro e o seu tratamento”, *Opção Lacaniana – Revista Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 42, p. 30-33, 2005a.

FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia*, Edição Standard das Obras Completas, vol. XX, Imago: Rio de Janeiro, 1974.

LACAN, J. *O Seminário livro 10 – A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (1973) “Televisão”, *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 508-543.

LEGUIL, F. *Angústia* – 13ª. aula no Curso *Le lieu et le lien*, 2001.

MILLER, J.-A. *La angustia lacaniana*, Buenos Aires: Paidós, 2007.

MILLER, J.-A. *Le lieu et le lien – Curso no.13*, 2001.